

EDUCAÇÃO, ENVELHECIMENTO E FILMES DE CURTA-METRAGEM

EDUCATION, AGING AND SHORT FILMS

MUSSI, Luciana Helena *

SILVEIRA, Nadia Dumara R. **

* Engenheira, Psicóloga, Mestre em Gerontologia e Doutoranda em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Colaboradora do Portal do Envelhecimento. E-mail: lh0404@terra.com.br

** Pedagoga, Doutora em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP). Docente e pesquisadora da Faculdade de Educação e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: ndrs@uol.com.br

RESUMO

Este estudo tem como objetivo refletir sobre o sentido educacional de filmes de curta-metragem cujos enredos versam sobre questões ligadas ao envelhecimento, tendo como referência das análises as relações entre Sujeito, Tempo, História e Memória. O pressuposto central da pesquisa sintetiza-se na concepção de que filmes constituem-se recursos audiovisuais que viabilizam a percepção crítica sobre a realidade do envelhecimento, possibilitando a contraposição a ideias preconceituosas e vigência de estigmas sobre a velhice e a pessoa idosa. Os procedimentos metodológicos adotados se apoiam na seleção de oito filmes de curta-metragem com abordagens diferenciadas sobre a temática em foco que se constituíram objeto desta investigação: “Morte.”, “What’s that?”, “A casa em pequenos cubinhos”, “Olhos de Ressaca”, “Dona Cristina Perdeu a Memória”, “Cemitério de Memórias – Fragmentos da Vida Cotidiana”, “Os Anjos do Meio da Praça”, “Dream Rangers”. As análises efetuadas consideram como categorias: o enredo, os diálogos expressos ou simbólicos, as imagens e demais representações utilizados na construção dos filmes. A ideia de incentivar o uso de filmes de curta-metragem como material de apoio pedagógico, seja em salas de aula, seja em grupos de estudo ou como ferramenta terapêutica é uma prática existente e que pode ser otimizada junto a diversos segmentos. Trata-se de uma estratégia educativa para repensar o “percurso” do envelhecer e cenários da velhice por meio de filmes, recurso este que possibilita um romper de paradigmas, até então estabelecidos, de que velhice equivale a “déficits”.

Palavras-chave: Educação. Envelhecimento. Filmes de Curta-Metragem.

ABSTRACT

This study aims to reflect on the educational meaning of short films concerning aging issues, with reference to the relationship among Subject, Time, History and Memory analyses. The main assumption of such research is summarized based on the concept that films are backed by audiovisual resources allowing critical perception over aging and helping counter forms of prejudiced ideas and stigma against aging and the elderly. The adopted methodology relies on the selection of eight short films with different approaches focused on the object of this research: “Death.”, “What’s that?”, “The House of Small Cubes”, “Hangover Eyes”, “Dona Cristina Has Lost Her Memory”, “Memory Cemetery – Fragments of Everyday Life”, “The angels in the middle of the square”, “Dream Rangers”. The categories considered are as follows: plot, expressed or symbolic dialogs, images and other representations built throughout the films. Encouraging the use of short films as a pedagogical support, whether in classrooms, study groups or as a therapeutic tool, is an existing practice to be optimized among different segments. This is an educational strategy for rethinking the “course” of aging and old-age sceneries through movies. Such an aid enables a paradigm break, established thus far, of aging as equivalent to “deficits”.

Keywords: Education. Aging. Short Films.

1 INTRODUÇÃO

Em recente matéria “A multiplicação dos curtas – como o digital revolucionou a produção de filmes curtos”, publicada no jornal Folha de São Paulo, Caderno Ilustríssima 3/Cinema (2012), Bruno Ghetti expõe sobre “mudanças radicais” ocorridas na produção e veiculação de filmes curta metragem ao enfatizar a propriedade dos curtas:

Os curtas deixaram de ter necessariamente intencionalidade artística: antes restritos a estudantes ou profissionais de cinema, são agora feitos diariamente, aos milhões sem que muitos de seus autores saibam que estão criando produtos cinematográficos.

Na mesma direção posiciona-se a pesquisadora Ivana Bentes, diretora da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro ao afirmar que “Muita gente faz hoje curtas para se comunicar. A produção amadora explodiu com fins distintos da expressão estética ou visando carreira no cinema”.

Embora se admita a importância das constatações acima referidas devemos considerar que os curtas ainda precisam ser ampla e devidamente reconhecidos na sua significação como recurso de comunicação favorecedor da compreensão de questões que retratam a vida cotidiana, sua realidade, dilemas e desafios.

Assim, pode-se antever a necessidade de abordagem da temática em questão tendo em vista os focos referenciais deste estudo - envelhecimento e educação – associados ao papel dos curtas quanto à sua agilidade e potencial de representação imediata de fatos sociais relevantes. Para Ghetti “mais distantes de interesses comerciais, curtas tendem a ser mais autorais que longas, representando também um espaço de maior experimentação e liberdade criativa” o que justifica seu sentido educacional.

Os filmes de curta metragem tem sido um importante recurso para a reflexão sobre o sentido educacional de diversos temas, especialmente “envelhecimentos e velhices” e as mudanças implícitas num processo considerado complexo e repleto de nuances que passam despercebidas na rotina do dia a dia.

Trabalhando essas questões, este estudo tem como objetivo refletir sobre o sentido educacional de filmes de curta-metragem cujos enredos versam sobre questões ligadas ao envelhecimento, tendo como referência das análises as relações entre Sujeito, Tempo, História e Memória.

O pressuposto central da pesquisa sintetiza-se na concepção de que filmes constituem-se recursos audiovisuais que viabilizam a percepção crítica sobre a realidade do envelhecimento, possibilitando a contraposição a ideias preconceituosas e vigência de estigmas sobre a velhice e a pessoa idosa.

Para o monge beneditino Grün (2011, p.19) “a arte de envelhecer consiste também na arte de experimentar o tempo de maneira diferente, não mais como oponente, mas como amigo”. Um tempo aliado, parceiro na trajetória dos anos que se expressa, muitas vezes, por uma linguagem metafórica, cifrada e até silenciosa. Santo Agostinho em suas meditações escreve: “Para mim, cada gota do tempo é preciosa”.

Na sequência dos anos nos constituímos como seres humanos, vivenciando realidades como as tematizadas nos filmes de curta metragem selecionados: finitude, intergeracionalidade, espiritualidade, memória afetiva, que implicam em transformações propiciadoras de permanente resignificação das experiências e construção de projetos para um futuro possível em todas as idades.

Vivendo, aprendemos continuamente e nos situamos na complexidade dos diferentes espaços de convivência social disponíveis, nos educamos como protagonistas das possibilidades de múltiplos redesenhos do envelhecer. Pensar em educação significa empreendê-la, não apenas nas salas de aula, mas no cotidiano, na troca diária, no partilhar e compartilhar de ideias, conceitos e reflexões sobre as questões da vida e a enigmática existência de todos nós.

Freire (2010, p.35), no seu livro *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* nos leva a pensar que a experiência adquirida no decorrer dos anos, pode e muito contribuir neste novo “jeito do saber envelhecer”. Viver o novo é encarar os riscos para superar, rejeitar discriminações:

[...] disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas cronológico. O velho que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou uma presença no tempo continua novo.

Neste contexto surgem desafios como: mesclar os saberes curriculares, estruturados com os saberes adquiridos pela prática, no social, pelo senso comum. Talvez esta seja uma das possibilidades para nos entendermos criativos, curiosos, impacientes, trilhando um caminho que nos permita a reflexão crítica de nossas práticas de ontem, de hoje e porque não do amanhã, que se reinventa a cada dia.

A essas concepções associa-se a necessidade de romper a grade curricular admitindo uma nova abordagem para o desenvolvimento humano respaldada no conhecimento interdisciplinar, tendo em vista a transversalidade temática que inclui e trata o envelhecimento como processo de vida, parte do nascer e morrer, revelação da finitude de todos nós.

Silveira (2009, p.21) argumenta que “educação para viver a velhice e conviver com idosos é uma necessidade indiscutível e inadiável”. Com o acelerado envelhecimento da população não há como adiar discussões e aprendizados imprescindíveis para o bem viver de todos nós.

Tanto as pessoas que trabalham e convivem com idosos como os próprios idosos devem aprender a conhecer criticamente a realidade social em que vivemos, reconhecendo-se como integrantes desse contexto e cidadãos responsáveis pelas possibilidades de mudança.

Temas tão sensíveis como envelhecimento, velhice, finitude, morte, podem ser trabalhados em escolas e demais espaços educativos abordando estas questões, seja por meio de textos, lendas, contos de fadas, atividades lúdicas, como também utilizando filmes de curta-metragem que, a princípio, seriam aplicados para um público adulto.

Considerando esse cenário, o presente estudo apresenta reflexões cujos procedimentos metodológicos adotados se apoiam na seleção de oito filmes de curta-metragem com abordagens diferenciadas sobre a temática em foco e que se constituíram objeto desta investigação: “Morte”, “*What’s that?*”, “*A casa em pequenos cubinhos*”, “*Olhos de Ressaca*”, “*Dona Cristina Perdeu a Memória*”, “*Cemitério de Memórias – Fragmentos da Vida Cotidiana*”, “*Os Anjos do Meio da Praça*”, “*Dream Rangers*”. As análises efetuadas consideram como categorias: o enredo, os diálogos expressos ou simbólicos, as imagens e demais representações utilizados na construção dos filmes.

1.1 Morte: constatação da finitude

O primeiro filme trabalhado é o brasileiro “*Morte.*”, direção de Roberto Torero (2002). O curta-metragem apresenta um casal que se prepara para a morte, para a “grande viagem”. Eles planejam os mínimos detalhes que antecedem o “momento”: a escolha da lápide no cemitério, as flores, os caixões, a música do velório, a divisão e organização dos bens e até o ensaio de como seus amigos vão se comportar no momento da dor da perda. “*Morte.*” é dividido em fragmentos, que relacionam tempo e espaço. Não temos, exatamente,

uma noção de quanto tempo passou entre início e fim, pois as cenas se concentram mais no seu próprio tema, que são os preparativos para o velório. Cada cena equivale a um preparativo. Porém o mais difícil para o casal parece ser a espera de a própria morte chegar. No diálogo final do casal, a angústia da espera e a difícil constatação da finitude:

- Ela: Será que vai demorar muito?
- Ele: Não sei.
- Ela: Você está com medo? [Ele se olham, apreensivos.]
- Ele: Um pouco.
- Ela: Essa espera é que dá agonia.
- Ele: Tem que ter paciência, um dia “ela” chega.
- Ela: O que a gente faz enquanto ela não vem?
- Ele: Esse é o problema.

“O que a gente faz enquanto ‘ela’ não vem?” Vive-se, simples assim! A nossa realidade é expressa por uma inevitável consciência de finitude com um tempo trabalhando sempre implacável e diante disto não é possível pedir mais tempo. Como afirma Goldfarb (1998, p.62): “A idade cronológica segue seu curso, sem piedade, real e absoluta lutando a cada instante com o tempo vivido que avança independente dos desejos e objetivos alcançados no decorrer do caminho”.

Estamos preparados para discutir, refletir sobre a morte, a perda, ou a “despedida definitiva” da vida com crianças, jovens, adultos, idosos? Um exercício de pensar diferente, de romper barreiras e abrir possibilidades admitindo a dificuldade e o desafio da coexistência contraditória entre vida e morte. Reformar o pensamento é uma exigência para compreendermos o mundo na sua complexidade. “A humanidade da humanidade” decorre da abertura ao mundo, como expõe Morin (2005, p.40):

O espírito humano se abre ao mundo. A abertura ao mundo revela-se pela curiosidade, pelo questionamento, pela exploração, pela investigação, pela paixão de conhecer. Manifesta-se pela estética, pela emoção, pela sensibilidade, pelo encantamento diante do nascer [...].

1.2 What's that?: isto é viver e conviver!

Outro curta que aborda a delicada e difícil relação entre pais e filhos é o vídeo grego “*What's that?*” ou “*O que é isso?*”, direção de Constantin Pilavios (2007). Em poucos minutos a história é contada: pai e filho estão sentados num banco, quando, subitamente, um pardal pousa perto deles. Um filme simples, comovente que provoca reflexões sobre o verdadeiro sentido das palavras, a tolerância e a difícil compreensão mútua travada nas relações. A pergunta de ontem, a pergunta de hoje – existe diferença entre elas? Olavo Bilac

em seu poema “Velhas Árvores” nos leva a pensar no envelhecimento real, próprio de cada um, expresso numa memória pulsante, viva, atenta e, ao mesmo tempo, acolhedora:

Olha estas velhas árvores, mais belas
Do que as árvores novas, mais amigas:
Tanto mais belas quanto mais antigas,
Vencedoras da idade e das procelas...

O homem, a fera, e o inseto, à sombra delas
Vivem, livres de fomes e fadigas;
E em seus galhos abrigam-se as cantigas
E os amores das aves tagarelas.

Não choremos, amigo, a mocidade!
Envelheçamos rindo! Envelheçamos
Como as árvores fortes envelhecem:
Na glória da alegria e da bondade,
Agasalhando os pássaros nos ramos,
Dando sombra e consolo aos que padecem!

O poeta escreve sobre uma natureza sempre presente, a mesma desde sempre, aparentemente repetitiva diante dos olhos, mas revelando-se como um pássaro que voa através do tempo trazendo lembranças ressignificadas no seu canto. Ressignificações estas que são aprendidas e geram novos saberes.

Educação, o conhecimento trocado pelo lirismo de um poema, pelas imagens e mensagens de um filme (e não importa o tempo de duração), pela letra e som produzido por uma música ou pelos enigmas das obras de arte. “Educação” ação, reação, interação, movimento que não se restringe ao “eu pergunto, você responde”.

Educar é um caminho de múltiplas direções, algumas vezes, invisível, construído pelos silêncios, pelos olhares que podem ou não estar representados em sílabas, palavras, frases, textos. Para Mahatma Gandhi, “a verdadeira educação consiste em pôr a descoberto ou fazer atualizar o melhor de uma pessoa. Que livro melhor que o livro da humanidade?”.

Freire (2010, p.119) argumenta sobre a importância da escuta na educação: “Escutar (...) significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro”. Estar atento a “vida vivida” da criança, do jovem, do ser na maturidade, na velhice significa escutar também os seus “não-ditos”, traduzir seus silêncios e interpretar os sentimentos pela linguagem do olhar, dos sinais inscritos no corpo. Esta abordagem nos remete a possibilidade de uma convivência dialógica diferenciada, da abertura ao outro como explicita o autor (2010, p.136):

O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História.

É necessário ter consciência de que se constrói um diálogo na compreensão desta inquietação interna que opera silenciosamente, curiosa àquilo que “passeia” diante dos olhos do espírito. Como afirma Aldous Huxley: “O silêncio está tão repleto de sabedoria e de espírito em potência como o mármore não talhado é rico em escultura”.

1.3 A casa em pequenos cubinhos: tempo para lembrar

Exemplo do uso apropriado do silêncio na ficção é o curta- “*A casa em pequenos cubinhos*”, direção de Kunio Kato (2008). Pequena obra-prima que trabalha o lembrar, a passagem do tempo e suas implicações. Um trabalho artesanal da animação japonesa de grande competência estética e poética que com extrema delicadeza conta a história – sem diálogos – de um senhor com idade já avançada que mora em uma cidade ao nível do mar.

Todos os cenários do enredo são retratados em um grande filme passado em apenas 12 minutos, tempo no qual as lembranças se apresentam de forma lenta e nostálgica, uma magnífica viagem ao longo da própria vida, um mergulho em tudo que hoje, já é passado.

Para o personagem, não se trata de viver obcecado e aprisionado numa vivência que lhe foi significativa no passado. Existem outras formas de lembrar fatos vividos, outros olhares, como explica Brandão (1999, p.51):

Recordar para o idoso não é doloroso e nem deve ser visto como uma fuga da realidade atual. Ao contrário, lembrar possibilita a ressignificação, unindo passado, presente e futuro, que se harmonizam reforçando a sensação de pertinência a um grupo de origem e a um destino.

A casa em pequenos cubinhos é uma história repleta de encantos e encantamentos, que pode ser vista como uma metáfora da vida, do tempo, do amor e da solidão. É o encontro poético entre a realidade e a ficção, onde o término de um pode representar o início do outro.

Duarte, no seu livro “Cinema e Educação” (2002, p.70), menciona a importância da ficção como ferramenta de entendimento das mudanças tão delicadas e ao mesmo tempo tão complexas pelas quais passamos, independente da idade:

Precisamos da ficção tanto quanto precisamos da realidade. Embora não possamos viver em um mundo de fantasias, temos a necessidade de sair um

pouco do mundo real para aprender a lidar com ele. Além disso, a ficção atua como um dos elementos dos quais lançamos mão para dar sentido à nossa existência.

A vida prega algumas peças, nos faz enfrentar a fragilidade, as mudanças produzidas pelo tempo, nos leva aos extremos daquilo que julgamos ser a destruição. Monteiro (2005, p.67) desenvolve esta ideia usando a física como sua aliada para desvendar as relações entre tempo, espaço, corpo:

A teoria da relatividade preconiza o intrincado entrelaçamento do tempo e espaço. Segundo Einstein, um não existe sem o outro. O tempo possui forma, portanto se reflete no corpo da pessoa. Isto é, a temporalidade se manifesta na configuração de cada um de nós. O corpo do velho, como o corpo do novo, são corpos no tempo.

“*A casa em pequenos cubinhos*” é para o senhor de idade avançada o mundo que ele não quer perder, símbolo de uma história num lugar. Um lugar que ao longo da travessia se mostrou também estar em risco. No filme “*A casa adormecida*” (Rose Red), roteiro de Stephen King, logo no início se lê nas legendas que “a casa é o corpo que colocamos sobre o nosso próprio corpo e conforme o nosso corpo envelhece, a casa também envelhece e assim como nosso corpo, adocece”. Em outras palavras, a casa segue o ciclo de vida de seu dono. Brandão (1999, p.52) amplia essas reflexões ao afirmar:

[...] a questão da memória exige uma abordagem complexa, envolvendo conhecimentos sobre o funcionamento dos mecanismos cerebrais. Ligado à área biológica (ainda com muitas descobertas a serem feitas), aos aspectos culturais, em que se coloca a memória histórica, pessoal e coletiva e aos aspectos filosóficos, quando pensamos na questão do “ser” e no tempo e espaço que são sua base de sustentação.

Algumas vezes, rememorar as passagens dos anos pode ser até uma tarefa difícil, mas também pode impulsionar o indivíduo para uma grande mudança, uma verdadeira transformação, àquela que o leva ao movimento da vida com todos os desafios, alegrias e frustrações. Neste sentido podemos visualizar o significado educacional deste curta ao tratar da memória como fonte ilimitada do viver, do reviver.

1.4 Olhos de Ressaca: desarquivar o passado e revitalizar o presente

Os filmes são uma fonte inesgotável de trabalhos a ser desenvolvida, uma reserva de emoções e sentimentos que podem ser vistos e apreciados no curta brasileiro “Olhos de Ressaca”, direção de Petra Costa (2009). Esta pequena história, aparentemente comum, nos apresenta Vera e Gabriel. Um homem e uma mulher casados há sessenta anos que divagam acerca da própria história: os primeiros flertes, o nascimento dos filhos, a vida e o envelhecer.

A história nos remete a ideia de “liberdades do espírito” como expõe Morin (2005, p.282):

O espírito/mente (*mind*) é, ao mesmo tempo, o centro das sujeições e das liberdades. É centro de sujeição quando prisioneiro da hereditariedade biológica, da herança cultural, dos *imprintings* sofridos, das ideias impostas e de um poder como superego imperativo no seu próprio interior. Quando alguns deixam de estar submetidos às ordens, mitos e crenças impostos e tornam-se, enfim, sujeitos questionadores começa a liberdade do espírito.

As cenas com Vera e Gabriel, libertos, expõem como se conheceram, suas histórias e lembranças. Mesclando a troca de olhares, confidências e pequenos detalhes de uma vida a dois, o filme narra as sensações do envelhecer em meio a arquivos pessoais confundidos com o tempo presente, tecendo assim um cenário de sonho e memória.

Refletir sobre o desejado “*Forever Young*” torna-se “quase” uma obrigação em “*Olhos de Ressaca*”.

Gabriel vive as poesias que recita, mescla sua própria história e crenças com Machado de Assis e a heroína Capitu. Assim, Vera, segundo ele também tinha olhos de ressaca que o atraíram, capturaram e arrastaram para o fundo do mar. Neste cenário evidenciam-se diálogos e memórias imersos na troca constante de olhares, flertes e beijos, dignos de apaixonados, em todas as fases da vida.

A viagem do casal em “*Olhos de Ressaca*” pode ser resumida pelas lindas palavras de Machado de Assis, na voz de Gabriel:

Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá ideia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca. Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros, mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me. Quantos minutos gastamos naquele jogo? Só os relógios do céu terão marcado esse tempo infinito e breve. A eternidade tem as suas pêndulas; nem por não acabar nunca deixa de querer saber a duração das felicidades e dos suplícios.

Neste lembrar, imagens de arquivo familiar se confundem com imagens do presente, tecendo um universo afetivo e onírico. Através de impressões e relatos, o filme apresenta um diário pessoal e existencial sobre o amor e a morte. Gabriel confessa “A ressaca puxa para o fundo mar”, igualmente: as memórias tecidas pelo tempo nos puxam para as nossas próprias profundezas para a descoberta de nós mesmos. Neste caso, a vida se antecipa à poesia.

1.5 Dona Cristina perdeu a memória: envelhecimento intergeracional

As relações intergeracionais permeiam o enredo do filme “Dona Cristina Perdeu a Memória”, direção de Ana Luiza Azevedo (2002). Pela experiência de um menino de 8 anos conhecemos a história da protagonista. O garoto descobre que sua vizinha Cristina, de 80 anos, conta histórias sempre diferentes sobre a sua vida, os nomes de seus parentes e os santos do dia. Dona Cristina acredita que Antônio pode ajudá-la a recuperar a memória perdida.

Este curta brinda o encontro entre os “diferentes”, um confronto e um encontro de gerações em que a passagem do tempo “como o contar de dias” se torna secundário e acaba se transformando num instrumento de celebração de memórias resgatadas e revisitadas que ganham inusitadas roupagens no eterno “recontar” sem fim.

Na trajetória deste “lembrar” que recebeu uma nova roupagem no filme “Dona Cristina Perdeu a Memória”, encontramos a obra “Velhice, Cinema e o Trânsito do Tempo” na qual Gusmão (2005, p.73) reporta-se às singelas palavras de Lina Bo Bardi sobre o enigma do tempo e sua bendita infinitude: “Mas o tempo linear é uma invenção do ocidente. O tempo não é linear. É um emaranhado quando a qualquer instante podem ser escolhidos pontos e inventadas as soluções sem começo nem fim”. Silveira (2003) em seu artigo “Utopias Possíveis da Longevidade” reforça a ideia:

Viver plenamente é estar, permanentemente, resignificando a nossa existência, jamais admitindo a possibilidade da indiferença, nas nossas ações e relações com o outro. Recusar a indiferença é agir e reagir, aceitar e divergir, participar, envolver-se, estar presente.

O que se percebe neste curta, entre o menino Antônio e Dona Cristina, é generosidade, troca, jamais indiferença, é algo assim simples, chamado amor. Além disso, o filme brinca, por meio de diálogos e cenas singelas, com o ciclo do tempo utilizando um brinquedo de criança (um patinho de madeira) em movimento, o movimento da vida, uma reflexão

profunda sobre a infância e a velhice. Ao contrário de outros curtas, neste o coração leva a melhor sobre a razão.

E isto tudo, só se torna possível, porque existem cineastas, roteiristas, músicos, poetas que “invadem” nossas vidas de “educação” e ensinam a verdadeira acepção do tempo, da história, assim como parafraseava o saudoso escritor Pedro Nava¹ sobre as memórias: “Porque escrever memórias é um ajuste de contas do eu com o eu...”.

1.6 Cemitério de Memórias – Fragmentos da Vida Cotidiana: visibilidade a todos

Assim é o curta brasileiro “*Cemitério de Memórias – Fragmentos da Vida Cotidiana*”, direção de Marcos Pimentel (2003) um documentário sobre a história do século XX. Um registro sobre a vida cotidiana de personagens comuns, anônimos que não emprestaram seus nomes a ruas, praças ou viadutos. Homens e mulheres que não pisaram na lua, não iniciaram guerras, não foram astros de cinema ou TV, não foram manchetes de jornal, não descobriram cura para doença alguma. Na visão de Morin (2005, p.222) encontramos uma reflexão pertinente a essa questão da visibilidade ao tratar do “revelador histórico”:

A história é um fenômeno humano tardio, mas muito sintomático. Não é o fundamento, mas o revelador da humanidade. (...) A história universal é o laboratório onde se atualizam e se revelam as virtualidades do *homo sapiens-demens*, *faber-ludens*, *economicus-consumens*, *prosaicus-poeticus*, *funcionalis-esteticus* e onde se exprime a sua dialógica desenfreada.

O filme “*Cemitério de Memórias – Fragmentos da Vida Cotidiana*” revela pessoas de vida simples, sem nenhum *glamour*, mas que nem por isso são desprovidas de beleza. Fragmentos sonoros e visuais que fizeram parte da vida de todos, mas que muitas vezes passaram despercebidos. Com isso a ideia é mostrar que as memórias são construídas também por pequenos acontecimentos, “trechinhos da vida perdidos no tempo” aparentemente sem importância que são resgatados pelas lembranças mais urgentes.

A valorização dos “momentos” construídos na teia das horas é essencial para entendermos: quem sou eu, quem somos nós e quem são eles. Não nos fazemos

sozinhos, nos fazemos no encontro com o outro e pelo outro, assim falava o brilhante poeta inglês John Donne (1572-1631) no seu poema “Por quem os sinos dobram – Meditação 17”:

Nenhum homem é uma ilha, completa em si mesma; todo homem é um pedaço do continente, uma parte da terra firme. Se um torrão de terra for levado pelo mar, a Europa fica menor, como se tivesse perdido um promontório, ou perdido o solar de um teu amigo, ou o teu próprio. A morte de qualquer homem diminui a mim, porque a humanidade me encontro envolvido; por isso, nunca mandes indagar por quem os sinos dobram; eles dobram por ti.

1.7 Os anjos do meio da praça: incorporação e criação do novo

O penúltimo filme apresentado neste estudo é “Os Anjos do Meio da Praça”, roteiro e direção de Alê Camargo e Camila Carrossine (2010). O curta-metragem conta uma fábula sobre anjos caídos, sonhos esquecidos e um menino. É quase um lamento sobre a negação, o egoísmo e arrependimento. Anjos que viviam nas nuvens, lutando contra o mal, caem na terra em um pequeno vilarejo e causam curiosidade, mas o medo do novo e do inesperado faz com que os anjos sejam isolados pelo povo da cidade, que, mais tarde, os consideram apenas elementos estranhos, mal tratados e finalmente esquecidos.

E o que este filme tem a ver com educação e envelhecimento? Alguém poderia responder: simplesmente tudo, na medida em que viver o que esta “estranha” vida pode e tem condições de nos oferecer é um eterno aprendizado, assim como saber reconhecer o momento da decisão e da escolha e, porque não dizer, do sonhar. Esses são atributos de “Os anjos do meio da praça” cujo enredo é pautado numa história sensível e de profundo valor educativo.

Acreditar naquilo que nos move e nos impulsiona para trilhar novos caminhos, não importa quais sejam; o que vale é que exatamente no momento da decisão, a escolha é feita. Boa ou má, com erros ou acertos, fica o aprendizado que nos permite ligar os feitos de uma vida que pode ser longa ou breve, mas que de alguma forma fazem sentido e ganham conteúdo semântico. Essas interpretações desencadeadas pelo filme se sustentam no depoimento de I Ching:

Ao término de um período de decadência sobrevém o ponto de mutação. A luz poderosa que fora banida ressurgue. Há movimento, mas este não é gerado pela força... O movimento é natural, surge espontaneamente. Por essa razão, a transformação do antigo torna-se fácil. O velho é descartado, e o novo é introduzido. Ambas as medidas se harmonizam com o tempo, não resultando daí, portanto, nenhum dano. (I Ching apud CAPRA, 2006)².

Atribuir ou construir significados exige aprendizagem para superarmos a indiferença e a mera constatação alçando voos movidos pela curiosidade, pela convicção de que somos seres crítico-reflexivos, capazes de intervir no ambiente em que vivemos. Nosso potencial como seres humanos libera capacidades e habilidades para superarmos a neutralidade, assumindo posições, gerando mudanças. Freire (2010, p.76) sustenta essa concepção quando se refere aos saberes básicos necessários:

É o saber da História como possibilidade e não como determinismo. O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa e inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente.

Ser sujeito da História pessoal e social nos remete à necessidade de não somente passar pelo tempo, mas viver todos os momentos atribuindo significados individual e coletivamente, reconhecendo a dimensão *kairós* que dá sentido ao *cronos* da nossa existência. Encontramos em muitos filmes a expressão dessa realidade, quando produzidos por sujeitos sensíveis ao real na sua totalidade, às conexões, às possibilidades de reconceber o tempo, sensíveis também à possibilidade de humanização como contido no curta *Dream Rangers*.

1.8 *Dream Rangers*: reviver e reinventar o tempo

O filme curta-metragem “*Dream Rangers*”, na verdade um comercial de 2011, criado pela agência Ogilvy Taiwan, trabalha o efeito do tempo e suas implicações, experiências únicas, produzidas justamente porque vivemos. Baseado em uma história real, de cinco velhinhos com problemas de saúde, que viviam das lembranças do passado, dos amigos que se foram e que num determinado momento resolvem dar um basta na vida que levavam.

Recuperam suas antigas motos, fazem seis meses de preparação física e empreendem uma viagem de moto pela Tailândia, de treze dias, por 1.139 km para atravessar o país de norte a sul, reviver uma aventura, recuperar os sonhos perdidos e encontrar um novo sentido para a vida. Por que se vive? Para que se vive? Não há uma resposta que seja definitiva, a busca é constante e particular, de cada um.

O envelhecimento é tatuado na nossa pele desde o nascimento, a cada dia uma nova marca, mortes reais e subjetivas, novos traços que com o tempo se tornam mais profundos formando sulcos que mostram a nossa nudez diante da finitude, como parágrafos acrescentados na nossa própria história.

Mas, mesmo conscientes do nosso próprio fim, das ameaças e desejos constantes, sempre haverá uma possibilidade, um novo parágrafo da vida, um pensar na velhice e no envelhecimento como processo, ambos entendidos e resolvidos coletivamente, com o outro e pelo outro, transversalizado por olhares e escutas, num movimento constante de aprender, de conhecer, de saber.

“Sonho como casa de sabedoria”, outra faceta sobre o “educar”: assim este texto convida o leitor a pensar nas palavras do jornalista Krenak (1992, p.201) em “Antes, o mundo não existia” do livro “Tempo e História”:

[...] educação, escola, universidade, elas estão nos sonhos, na casa do conhecimento. Esse sonho tem um aprendizado para o sonho. E, quando nós sonhamos, nós estamos entrando num outro plano de conhecimento, onde nós trocamos impressões com os nossos ancestrais, não só no sentido de nossos antigos, meus avós, meu bisavô, gerações anteriores, mas com os fundadores do mundo.

Cinema, Educação e Envelhecimento, um exercício possível que permite voar como as borboletas; idéia expressa no texto oriental recuperado por Monteiro (2005, p.76) em seu artigo “Somos velhos porque o tempo não para”:

O sábio chinês Chuang-Tzu sonhou que era uma borboleta, e ao acordar se perguntou se até então fora um homem sonhando, ou se poderia ser naquele momento uma borboleta sonhando que era um homem.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Viver, reviver, reinventar os tempos, sonhar, projetar o futuro próximo ou longínquo é estar disponível para aprender com todos os desafios buscando respostas, formulando perguntas na busca do “Ser Mais”, alçando voos em todas as etapas da vida. Com Freire (2010, p.134) finalizamos este espaço de reflexões sobre o envelhecimento como processo vital representado na arte de filmes que nos provocam a questionar o sentido do nosso viver:

É na minha disponibilidade permanente à vida a que me entrego de corpo inteiro, pensar crítico, emoção, curiosidade, desejo, que vou aprendendo a ser eu mesmo em minha relação com o contrário de mim. E quanto mais me dou à experiência de lidar sem medo, sem preconceito, com as diferenças, tanto melhor me conheço e construo meu perfil.

O percurso destas reflexões sobre o *Envelhecimento e o sentido educacional de filmes de curta metragem* nos permite visualizar inúmeras facetas da nossa existência compondo um mosaico com peças que integram a cultura visual, a arte, a imagem, as histórias e demais mediadores incomuns na representação do nosso viver.

Ter acesso e compartilhar os enredos dos oito filmes selecionados, numa sociedade cada vez mais visual, que conta com apoios tecnológicos diversificados, é dispor das novas linguagens para nos educarmos e entendermos as múltiplas relações humanas nas suas limitações, conquistas e potencialidades de criação, na finitude do conviver intergeracional marcado pelo passado, impregnado do presente e desafiado pelo futuro.

A educação nessa perspectiva propicia o desenvolvimento da atitude crítico-reflexiva, promove o desarmar do passado, a revitalização do presente e a projeção do futuro mediada pela visibilidade da realidade que nos cerca numa visão totalizadora. O sentido educacional dos filmes de curta metragem revela-se assim uma alternativa metodológica viável na educação, no seu movimento de tecer as várias possibilidades de reviver e reinventar o tempo de envelhecer.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, A.L. **Dona Cristina perdeu a memória**. Direção de Ana Luiza Azevedo. Brasil. Disponível em <http://www.portacurtas.com.br/pop_160.asp?Cod=1454&Exib=1>. Acesso em: 05 jan. 2011

BAXLEY, C.R. **A casa adormecida**. Disponível em <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-54864/>>. Acesso em: 28 jan. 2011.

BILAC, O. **Velhas árvores**. Disponível em <<http://pensador.uol.com.br/frase/NTE3NTIw/>>. Acesso em 05 jun. 2011.

BRANDÃO, V.M.A.T. (1999). Os Fios da memória na trama da cultura. **Revista Kairós Gerontologia**, Ano 2, n.2. São Paulo: EDUC/PUC-SP.

CAMARGO, A.; CARROSSINE, C. **Os anjos do meio da praça**. Disponível em <<http://smellycat.com.br/2010/11/02/os-anjos-do-meio-da-praca-na-integra/>>. Acesso em 28 jan. 2011.

CAPRA, F. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 2006.

COELHO, K. **A casa de pequenos cubinhos**. Disponível em <<http://www.cineplayers.com/comentario.php?id=26344>>. Acesso em: 28 jan. 2011.

COSTA, P. **Olhos de ressaca**. Disponível em <http://www.portacurtas.com.br/pop_160.asp?Cod=8914&Exib=1>. Acesso em: 10 abr. 2011.

DONNE, J. **Por quem os sinos dobram** – Meditação 17. Disponível em <<http://www.algumapoesia.com.br/poesia2/poesianet206.htm>>. Acesso em: 12 dez. 2010.

DUARTE, R. **Cinema e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessário à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

GANDHI, M. **Frases sobre educação**. Disponível em <<http://www.sitequente.com/frases/educacao.html>>. Acesso em 10 jun. 2011.

GHETTI, B. A multiplicação dos curtas – como o digital revolucionou a produção a produção de filmes curtos. **Folha de São Paulo**, Ilustríssima 3/Cinema, 30/09/2012.

GOLDFARB, D.G. **Corpo, tempo e envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

GRÜN, A. **Vive-se apenas uma vez**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

GUSMÃO, N. M. M. Velhice, cinema e o trânsito do tempo. In: GUSMÃO, N. M. M. (org.). **Cinema, velhice e cultura**. Campinas: Alínea, 2005.

HUXLEY, A. **Pensador**. Disponível em <<http://pensador.uol.com.br/frase/MjkzMg/>>. Acesso em: 10 jun. 2011.

KRENAK, A. Antes, o mundo não existia. In: NOVAES, A. (org.). **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

MONTEIRO, P.P.. Somos velhos porque o tempo não para. In: CÔRTE, B.;

MERCADANTE, E. F.; ARCURI, I.G. (Orgs.). **Velhice, envelhecimento**. São Paulo: Vetor, 2005.

MORIN, E. **O Método 5: a humanidade da humanidade**. 3ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2005.

PILAVIOS, C. **What is that?**. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=mNK6h1dfy2o>>. Acesso em: 05 dez. 2010.

PIMENTEL, M. **Cemitério da memória** – Fragmentos da Vida Cotidiana. Disponível em <http://www.portacurtas.com.br/pop_160.asp?Cod=1784&Exib=1>. Acesso em: 11 mai. 2011.

PONGAS, B. **A casa de pequenos cubos**. Disponível em <<http://moviefordummies.wordpress.com/2009/04/05/casa-de-pequenos-cubos-la-maison-en-petits-cubes-2008/>>. Acesso em: 28 jan. 2011.

SATO, K. **A casa em pequenos cubinhos**. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=uX0Dvtvev1E&feature=related>>. Acesso em: 27 jan. 2011.

SILVEIRA, N.D.R. Envelhecimento e Cidadania. In: **A pessoa idosa: educação e cidadania**. São Paulo: Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social e Fundação Padre Anchieta. Disponível em <http://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/biblioteca/publicacoes/volume7_Educacao_e_cidadania.pdf>. Acesso em: 16 set. 2009.

SILVEIRA, N.D.R. **Utopias possíveis da longevidade: crônicas, poesias e contos**. Computador, COGEAE/PUC-SP, 2003.

SORNSRIWICHAI, T. **Dream rangers**. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=40vcTKl0F-w>>. Acesso em: 11 mai. 2011.

TORERO, R. **Morte**. Disponível em <http://www.portacurtas.com.br/pop_160.asp?Cod=1513&exib=5937>. Acesso em 28 jan. 2011.

Notas:

¹ Pedro da Silva Nava (Juiz de Fora, 5 de junho de 1903 – Rio de Janeiro, 13 de maio de 1984) foi médico e escritor brasileiro.

² Extraído de de Capra (2006).